

VISÃO DO CORREIO

A barbárie contra a mulher como epidemia

A história da saúde pública ensina que o primeiro passo para combater uma epidemia é, invariavelmente, reconhecê-la e nomeá-la com precisão. Enquanto um mal permanece camuflado e diluído em estatísticas genéricas, o Estado atua às cegas, incapaz de dimensionar a real gravidade do problema e de formular políticas de prevenção adequadas. É exatamente sob a ótica de romper essa perigosa cortina de invisibilidade que se deve analisar o pleito formalizado pelo Ministério da Saúde junto à Organização Mundial da Saúde (OMS). Ao solicitar a inclusão do feminicídio na 11ª revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-11), o Brasil transcende a mera burocracia de consultórios e convoca o mundo a dar o nome correto a uma de nossas mais lamentáveis violências.

Historicamente, a violência contra mulheres tem sido tratada de forma compartimentada, restrita quase exclusivamente às esferas policial e judiciária. Contudo, as marcas do machismo estrutural manifestam-se muito antes do desfecho fatal, lotando emergências ortopédicas, alas psiquiátricas e ambulatórios de atenção básica e deixando acesa a luz de alerta que costuma ser ignorada pelas autoridades.

Ao camuflar o feminicídio sob o guarda-chuva estatístico de “agressões” — equiparando a morte de uma mulher pelo parceiro a um óbito decorrente de uma briga de trânsito, por exemplo —, o sistema de saúde global sofre de uma cegueira metodológica que impede a formulação de políticas públicas precisas.

A inclusão na CID-11, caso seja referendada pelos Estados-membros na

próxima assembleia-geral da entidade, altera essa dinâmica na base. A mudança obriga o sistema global a reconhecer o ódio de gênero como um determinante social da saúde. Na prática, impõe aos profissionais médicos e sanitaristas uma responsabilidade rigorosa na notificação dos casos, garantindo agilidade e transparência na compilação de dados. Afinal, a premissa básica da gestão pública é incontornável: não é possível combater de forma eficaz aquilo que não se consegue medir com exatidão.

É necessário ressaltar, contudo, que a alteração de um manual médico — por mais bem-intencionada e necessária que seja — não detém, por si só, o braço do agressor. A vitória nos fóruns internacionais de Genebra precisará ser acompanhada, no plano doméstico, pelo fortalecimento das redes de acolhimento, pelo financiamento ininterrupto de casas-abrigo e pela aplicação rigorosa da Lei Maria da Penha. De nada adiantará o atestado de óbito trazer o código correto da CID se o Estado continuar falhando na prevenção primária do crime.

Ainda assim, a iniciativa liderada pelo ministro Alexandre Padilha representa uma contribuição civilizatória do Brasil para o mundo. Reconhecer o feminicídio como uma condição de notificação em saúde é arrancar o crime do espaço privado e doméstico para colocá-lo sob o escrutínio das políticas sanitaristas globais. É a admissão definitiva de que a violência contra a mulher não é apenas um desvio de caráter ou um problema de segurança pública, mas uma patologia social crônica que, se não for tratada com o rigor de um vírus letal, continuará a ceifar vidas sob o manto da invisibilidade.



ROBERTO FONSECA

robertofonseca.df@dabr.com.br

O efeito cascata

Os efeitos da escalada dia a dia do conflito no Oriente Médio chegaram à capital federal. A elevação ontem dos preços do diesel e da gasolina nos postos do Distrito Federal é um sinal concreto de que guerras modernas, em um mundo globalizado, não respeitam fronteiras geográficas. E uma certeza passa a tomar conta de todos nós: uma ação prolongada naquela região tende a pressionar preços, desorganizar cadeias produtivas e impor custos relevantes à economia brasileira, com marcas diretas sobre o cotidiano da população. Tudo isso em um ano eleitoral.

Os reajustes nos combustíveis, ainda que aparentemente modestos em um primeiro momento, funcionam como um termômetro sensível das tensões internacionais. O diesel, em especial, exerce papel central na economia nacional. O Brasil depende majoritariamente do transporte rodoviário para escoar a produção. Qualquer alta no litro do diesel se espalha rapidamente, encarecendo o frete e, por consequência, os alimentos, os produtos industrializados, as compras on-line e até insumos básicos utilizados no campo. É um efeito cascata conhecido, mas nem por isso menos preocupante.

O agronegócio, pilar da balança comercial brasileira, também sente os reflexos do conflito. O Oriente Médio é destino relevante de grãos, proteínas animais, açúcar e derivados da soja. Em 2025, o Irã despontou como principal comprador do milho brasileiro, o que reforça a importância estratégica daquela região para o campo brasileiro. O problema não está apenas na demanda, mas na logística:

levar navios a áreas próximas a zonas de conflito tornou-se mais caro e mais arriscado. Seguradoras já reajustaram prêmios, rotas foram alongadas e o custo do frete marítimo aumentou, corroendo margens e reduzindo a competitividade do produto nacional.

Há ainda um outro fator estrutural que merece atenção. A dependência brasileira de fertilizantes importados, muitos deles provenientes do Oriente Médio. A atual safra de soja e o plantio do milho ocorrem, em parte, com insumos já adquiridos, o que reduz o impacto imediato. Mas o horizonte preocupa. A guerra encarece contratos futuros, aumenta a volatilidade e amplia a incerteza para o produtor rural, que planeja safras com meses, às vezes anos, de antecedência.

Do ponto de vista comercial e diplomático, o cenário é igualmente desafiador. Com países diretamente envolvidos no conflito, negociações tendem a ficar mais complexas, prazos se alongam e o risco político passa a ser incorporado aos contratos. Em um ambiente de instabilidade, decisões são postergadas e investimentos, revistos. O resultado é um comércio internacional mais cauteloso, menos previsível e, quase sempre, mais caro.

A guerra no Oriente Médio, portanto, além de todo o temor de atingir a paz mundial, está presente no nosso dia a dia. Ela impacta o preço do combustível, o valor do frete, o custo dos alimentos e a previsibilidade do setor produtivo. Compreendê-la, antecipar cenários e agir com pragmatismo é o caminho para proteger a economia e, sobretudo, o nosso bolso.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

“Bando Master”

Pelos desdobramentos do caso envolvendo o “Bando Master”, estamos diante de uma quadrilha de elevadíssima periculosidade e poder operacional. Esse poder reside nas dezenas de bilhões de reais desviados, ocultos (certamente grande parte em criptomoedas) e sustentado pela influência subterrânea de sua rede de poderosos “rabos presos” da República (para os quais Vorcaro representa uma espécie de “Espada de Dâmocles”. A prisão preventiva de Vorcaro e seus comparsas já era necessária desde os primeiros momentos que os fatos emergiam das sombras, até para a sua própria segurança. O Brasil encontra-se à beira do abismo graças à inoperância do Congresso Nacional, que não adota as providências constitucionais (“freios e contrapesos”, terror de ministro do STF) que deveria adotar, graças a um grande obstáculo: está sem presidente desde 1º de fevereiro de 2019. Já passou da hora de os senadores da República removerem esse obstáculo e designarem um presidente enquanto o Brasil existe.

» **Milton Cordova Junior**
Vicente Pires

Milícia privada

O caso do Banco Master mostra que há gente tão poderosa que já disputa território no medo. A prisão de Daniel Vorcaro, acusado de montar uma milícia privada para vigiar, intimidar e calar adversários, não é apenas mais um escândalo financeiro. É o retrato de um país onde dinheiro (desviado) demais vira licença para tudo!

» **Paccelli M. Zahler**
Sudoeste

Ambições de Trump

Será que estão cegos, não querem ou não fazem questão de enxergar as ambições internacionais do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump? Acordem, líderes mundiais! Será que vocês não perceberam que, ao assumir o segundo mandato, Trump veio com sangue nos olhos e, com isso, quer mostrar ao mundo que ele será o maior líder, com os demais aos seus pés, como fez com a Venezuela. O primeiro- ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, faz o que o Donald Trump quer. E, agora, Trump quer fazer o mesmo com o Irã. Saibam que, depois, vai partir para outros países, como Canadá e México. Abram os olhos, países da América do Sul: os próximos poderão ser vocês!

» **Evanildo Sales Santos**
Gama

Primeira general

Cumprimento o Alto Comando do Exército Brasileiro pela indicação da coronel médica Cláudia Lima Gusmão Cacho para o posto de general de brigada, após 30 anos de bons e exemplares serviços nas Forças Armadas. Ela nasceu em Recife e formou-se em medicina pela UFPE. Prestou serviços em Recife, Goiânia, Rio de Janeiro, Natal, Campo Grande e Brasília. Será a primeira mulher no nosso generalato. A indicação mereceu do **Correio Braziliense** um excelente editorial, no domingo, 1º de março. Ali, destacou-se a presença das mulheres nas fileiras do Exército, desde a Batalha de Guararapes, no século 17. Na Batalha de Porto Calvo, destacou-se D. Clara Camarão, combatendo bravamente ao lado do marido, Felipe Camarão. Cumpre

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniaao.df@dabr.com.br || **3214-1157**

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Vorcaro pra lá, Vorcaro pra cá, onde quer que Vorcaro vá não ficará barato para Ali nem para Babá.
Mauro Evangelista Duarte — Asa Norte

O país está sendo saqueado pela corrupção. Estamos assistindo a esses escândalos sem nenhuma perspectiva de melhora. O lamaçal aumenta cada vez mais!
Lauro Leitune — Brasília

Esquerda terá dois candidatos ao Palácio do Buriti: Ricardo Cappelli e Leandro Grass. Já foi isso em 2002, e ninguém foi para o segundo turno. A direita dá aula em matéria de unidade para ocupar espaço. Aprendam!
Waldir Cordeiro — Brasília

O conflito do Oriente Médio chegou a Brasília porque o cartel dos postos de gasolina decidiu ganhar em cima disso. A Petrobras não repassou nenhum centavo de aumento ainda. É ganância mesmo!
Adriana Maria dos Santos — Brasília

lembrar também as lutas da baiana Maria Quitéria de Jesus na Guerra da Independência do Brasil, após o que ela recebeu de D.Pedro I a Ordem Imperial do Cruzeiro. Em 1842, na Revolução Liberal, em Minas Gerais, uma grande liderança coube a D. Carlota Carneiro de Mendonça. E, hoje, exerce a Presidência do Superior Tribunal Militar a ministra Maria Elizabeth Rocha, jurista e escritora, recentemente eleita para ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

» **Danilo Gomes**
Lago Norte

Lobo Antunes

A literatura perdeu um dos seus grandes anatomistas da alma, António Lobo Antunes. Mas os livros continuam aqui, abertos como janelas noturnas, onde cada leitor ainda pode ouvir aquela voz inquieta perguntando em silêncio o que fazemos com o peso do passado. E, enquanto alguém abrir uma página e reconhecer naquele tumulto de memórias um pedaço da própria vida, ele ainda estará escrevendo.

» **Adriano B. Rodrigues**
Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegou”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1588.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br